

## Cinco perguntas para uma introdução à Historiografia da Linguística

Rafael Martins Nogueira<sup>1</sup>

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Cinco perguntas sobre histórias da linguística**. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2025. 114 p.

A crescente necessidade de compreender as bases históricas que fundamentam os saberes contemporâneos encontra um valioso instrumento na obra *Cinco perguntas sobre histórias da linguística*, de Ronaldo de Oliveira Batista. Professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, doutor em Linguística pela USP e com pós-doutorados na Bélgica e em Portugal, o autor consolida mais de uma década de um projeto didático dedicado à Historiografia da Linguística (ABRALIN, 2025a). O livro, lançado em 2025 pela editora Pá de Palavra, apresenta-se como um guia introdutório, estruturado de forma objetiva e convidativa, para estudantes e professores de Letras interessados em como se narra a história do conhecimento sobre a linguagem e as línguas.

Na introdução, a obra delinea seu alicerce ao definir a História como "o conjunto dos eventos sociais localizados em temporalidades" (Batista, 2025b, p. 9), ressaltando que esta é construída e reavaliada continuamente. O autor defende que o conhecimento histórico é crucial para a "maior compreensão de como, ao longo do tempo, foram se formulando ideias sobre a linguagem humana e as línguas" (2025b, p. 12). A estrutura do livro, organizada em cinco perguntas essenciais seguidas por suas respectivas respostas, revela uma escolha didática inteligente. Conforme o próprio autor mencionou durante o evento *Abralin ao vivo*, a obra é um "livrinho de bolso" que busca "divulgar o que é a história da linguística para um público mais amplo", culminando um projeto iniciado em 2013 com a publicação de *Introdução à Historiografia da Linguística* e seguido por *Fundamentos da Pesquisa em Historiografia da*

---

<sup>1</sup> 1 Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de Doutorado - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Membro do Grupo de Estudos Semióticos da Universidade Federal do Ceará (Semioce). E-mail: rafaelmartinsnogueira@outlook.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1499-0821>.

### *Linguística em 2020.*

O primeiro capítulo, "O que é uma história da linguística?", estabelece as fronteiras do campo. Batista distingue a história-acontecimento (o que ocorreu) da história-conhecimento (o olhar sobre o ocorrido), esclarecendo que a historiografia linguística se dedica à segunda. A nomeação do campo, creditada a Konrad Koerner (1939-2022), surge nos anos 1970 em oposição a histórias sem rigor metodológico, criticadas por falhas como o enaltecimento de heróis e a propagação de correntes teóricas específicas, que tratavam o passado como um mero "caminho para se chegar a um presente em estado superior" (BATISTA, 2025b, p. 20). Uma distinção fundamental é feita: a historiografia linguística não se confunde com a linguística histórica, pois seu objeto não é a transformação das línguas, mas sim o conhecimento metalinguístico produzido sobre elas (2025b, p. 22). O capítulo conclui rebatendo o desdém com que a historiografia é por vezes tratada, argumentando que um cientista consciente do passado de seu campo pode reconhecer sua área de modo "sensato e não ingênuo" (2025b, p. 29).

A segunda pergunta, "Em uma história da linguística, observar o quê?", é respondida no capítulo dois, que aponta para três dimensões interligadas: a cognitiva (parâmetros internos), a social (contextos externos) e a temporal (periodização). Batista adverte que essas dimensões não devem ser tratadas de forma isolada. Por conseguinte, um dos ganhos teóricos do livro, dentre os demais ora mencionados, reside na didatização do conceito de "programas de investigação", de Pierre Swiggers (1981), e na proposição autoral de Batista de um novo quadro de programas de investigação (teóricos, gramaticais, interdisciplinares e aplicados) mais ajustado ao contexto da linguística brasileira. A obra também explora a dimensão social ao discutir a formação de "grupos teóricos" – congregações de agentes em centros de pesquisa – em contraponto às "comunidades intelectuais", formadas por agentes como escritores e filósofos (2025b, p. 48-49), reforçando que o empreendimento científico é essencialmente social e coletivo.

O terceiro capítulo aborda a questão "De onde vêm os dados para uma história da linguística?". A resposta aponta para os documentos históricos. O autor traça a evolução da concepção de fonte, que deixa de ser vista como prova absoluta da verdade, como no positivismo, para ser entendida como um vestígio a ser problematizado e analisado. Batista questiona a rígida distinção entre fontes primárias e secundárias, argumentando que tal categorização está atrelada a julgamentos de valor. A escolha entre fontes canônicas (livros, tratados) e marginais (cartas, anotações) cabe ao historiógrafo, e o autor conclui que uma análise que abrange uma gama

diversificada de fontes amplia significativamente seu alcance interpretativo.

Em "Como narrar uma história da linguística?", quarto capítulo, são detalhados os procedimentos metodológicos. Embora não haja um caminho único, Batista apresenta um consenso em torno de três fases: a heurística (seleção e organização das fontes), a hermenêutica (análise e interpretação) e a executiva (apresentação dos resultados, comumente em forma de narrativa) (BATISTA, 2025b, p. 73). A pesquisa histórica é instaurada por uma situação problemática, a partir da qual o pesquisador interroga as fontes. O texto historiográfico é, portanto, o produto intelectual de um percurso rigoroso que, por meio de seus critérios, legitima o fazer científico e se afasta de um enviesamento meramente pessoal.

O quinto e último capítulo responde a "Para que servem histórias da linguística?". O autor defende que conhecer a história de uma área permite compreender tradições, continuidades e rupturas. Critica a carência de formação histórica nos currículos dos cursos de Letras e argumenta que a análise do passado é uma busca ativa que "pertuba e nos torna conscientes de que nada é de fato encerrado em tempos pretéritos" (2025b, p. 90). A historiografia, assim, não é uma atividade passiva ou contemplativa, mas uma "reconstrução crítica e analítica" (2025b, p. 93) que nos permite entender a dinâmica do tempo e do social, garantindo que a inquietação pela compreensão do mundo permaneça viva.

Em suma, a obra cumpre com excelência o seu objetivo, conforme declarado por seu autor (ABRALIN, 2025). A obra funciona como porta clara e metodologicamente bem fundamentada para um campo de estudos complexo. Ao traduzir conceitos-chave de autores da historiografia linguística, e ao propor suas próprias elaborações, Ronaldo de Oliveira Batista oferece não apenas uma síntese, mas um roteiro seguro para que estudantes, pesquisadores em início de carreira e todos os interessados possam trilhar os caminhos da análise histórica do conhecimento linguístico.

Ao final da leitura, a indagação do autor sobre um futuro promissor a partir de uma abordagem crítica do passado é respondida com uma afirmativa convincente. A obra não apenas justifica a importância de seu campo, mas se firma como um instrumento necessário. Fica evidente que precisamos de mais narrativas históricas, e este livro é um guia para construí-las. São obras como esta que permitem encontrar caminhos seguros e críticos pelas complexas tramas historiográficas da linguagem humana e das línguas naturais. Trata-se de um livro fundamental que demonstra que olhar para o passado é uma ferramenta indispensável para compreender o

presente e construir o futuro do saber.

## REFERÊNCIAS:

ABRALIN. **Novos estudos em Historiografia Linguística no Brasil**. 5 de julho de 2025. 1 vídeo (1h 57min 31s). Publicado pelo canal Abralín. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VJNDzRRMVwc>. Acesso em: 11 jul. 2025a.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Introdução à historiografia linguística**. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

\_\_\_\_\_, **Fundamentos da pesquisa em Historiografia Linguística**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2020.

\_\_\_\_\_, **Cinco perguntas sobre histórias da linguística**. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2025b.

SWIGGERS, Pierre. **The history writing of Linguistics: a methodological note**. *General Linguistics*, 21.1, 1981, pp. 11-16.